



NOS BASTIDORES DE UM JORNAL ANARQUISTA: AS MOBILIZAÇÕES DE UM GRUPO DE PROPAGANDA PARA A PUBLICAÇÃO DO JORNAL A TERRA LIVRE (1905-1910)

ON BACKSTAGE OF AN ANARCHIST PAPER: THE MOBILIZATION OF AN AFFINITY GROUP FOR THE PUBLICATION OF THE JORNAL A TERRA LIVRE (1905-1910)

Lucas Thiago Rodarte Alvarenga*

Resumo: O propósito deste trabalho é analisar o jornal libertário *A Terra Livre*, lançado em São Paulo em 1905, tendo sua circulação até o ano de 1910. O artigo, fruto de uma pesquisa para obtenção do Mestrado em História pela Universidade Federal de São Paulo, prioriza o jornal em sua concepção, estruturação e formas de veiculação, bem como a atuação de seus idealizadores: Edgard Leuenroth e Neno Vasco, jornalistas, anarquistas e importantes militantes libertários da época. Nessa análise, além de mostrar o jornal como um veículo de propaganda para a mobilização política, busca-se identificar e traçar a trajetória dos grupos de redatores e da sua rede social na concepção, redação e circulação de um novo periódico. Para tal, foi utilizada, como fonte principal, o jornal *A Terra Livre*, além de outros jornais operários em circulação em São Paulo e Rio de Janeiro na mesma época. Em suma, o artigo mostra a realidade do jornalismo independente no início do século XX no Brasil.

Palavras-chave: Jornalismo. Anarquismo. Movimento operário. Cultura libertária;

Abstract:

The purpose of this work is to analyze the libertarian newspaper *A Terra Livre*, which was launched in São Paulo in 1905 and circulated until 1910. The article, the result of a research to obtain a Master's in History from the Federal University of São Paulo, prioritizes the newspaper in its conception, structuring and forms of publication, as well as the work of its creators: Edgard Leuenroth and Neno Vasco, journalists, anarchists and important libertarian activists of the time. In this analysis, in addition to showing the newspaper as a propaganda vehicle for political mobilization, it seeks to identify and trace the trajectory of writing groups and their social network in the design, writing and circulation of a new journal. For that purpose, the newspaper *A Terra Livre* was used as the main source, as well as other working newspapers in circulation in São Paulo and Rio de Janeiro at the same time. In short, the article shows the reality of independent journalism in the early twentieth century in Brazil.

Keywords: Journalism. Anarchism. Labour movement. Libertarian culture.

* Graduação em Comunicação Social pela PUC Minas. Mestrado em História Social pela Universidade Federal de São Paulo. Especialista em jornalismo e jornais operários na Primeira República.



Introdução

O artigo aqui apresentado é fruto de um intenso trabalho, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), para a obtenção do título de Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo.¹ A pesquisa trata do jornal anarquista *A Terra Livre*, priorizando o jornal em sua concepção, estruturação e formas de veiculação, bem como a atuação de seus idealizadores: Edgard Leuenroth e Neno Vasco, jornalistas, anarquistas e importantes militantes libertários da época. Nessa análise, busca-se identificar e compreender as redes sociais formadas pelo conjunto jornalistas/leitores/subscritores e o papel delas como contribuintes para a circulação do impresso e para consolidação das bases do movimento operário, bem como analisar o processo de disputa pela cultura literária paulistana e carioca, evidenciando as movimentações hegemônicas dos jornais de grande circulação pelos círculos de poder na sociedade civil e pela tentativa dos jornais operários e suburbanos em contrabalancear esses jogos de poder.

Os estudos dos jornais operários tornaram-se fontes preciosas para entender o processo de organização e sociabilidade da classe trabalhadora no início da industrialização do Brasil. Diversos foram os trabalhos publicados, intensificados a partir da década de 1970², e que ofereceram um panorama primordial sobre a produção jornalística desempenhada pelos trabalhadores desde o início do século XX e se estendendo até os dias atuais. Mais do que obras já consagradas, estes estudos jogaram luz em uma gama de fontes – antes relegadas pelos historiadores – abrindo uma nova possibilidade para conhecermos as lutas dos trabalhadores e seus processos de sociabilidade dentro do contexto das grandes metrópoles brasileiras da época.

¹ A pesquisa está credenciada na FAPESP sob o processo 2014/23467-4.

² Citei aqui apenas alguns trabalhos importantes que iniciaram o estudo sobre a imprensa operária no Brasil e serviram como um norte para o início dessa pesquisa onde os resultados serão parcialmente aqui apresentados: BIONDI, Luigi. **Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011; FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ed. Atica, 1988; HALL, Michael M; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A classe operária no Brasil. 1889-1930: documentos**. Vol. 1. O Movimento Operário. Col. Política. São Paulo: Ed. Alfa Omega. 1979; HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** Vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983; MAGNANI, Sílvia Lang. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1982; MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro**. 1890-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979; PRADO, Antônio Arnoni (org.). **Libertários no Brasil: memórias, luta e cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986; TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004; TRENTO, Angelo. **Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX-XX**. São Carlos: Ed. UFScar, 2013. Trad.: Roberto Zaidan.



Para as autoras Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (CRUZ; PEIXOTO, 2007), transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e o estudo da imprensa, assim como de qualquer outra fonte selecionada pelo historiador, não se esgota nela mesma. Como espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública, a imprensa atua sob normas e condições que expressam uma determinada correlação de forças com as quais interage de forma ativa.

Para a autora Maitê Peixoto (PEIXOTO, 2013), ao encarar a imprensa operária enquanto fonte, o pesquisador está optando por utilizá-la como suporte para reflexões que ultrapassam os limites do jornal em si, enfatizando, entre outros aspectos, as discussões que dizem respeito à dinâmica interna de produção e circulação do periódico. Essa perspectiva pode ser compreendida (no que se refere à imprensa operária) num passado recente, visto que boa parte desse material ainda não estava disponível nos arquivos.

Tânia Regina de Luca (LUCA, In: PINSKY, 2000) também argumenta que os jornais não são, na maioria das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os tornam projetos coletivos e devem ser encarados como tal pelo historiador, pois agregam pessoas em torno de ideais, crenças e valores que se pretende discutir, a partir da palavra escrita.

Os jornais das classes trabalhadoras, além de produção cultural de uma classe, são também um produto de uma luta social, resultado de um processo de combate contra a realidade vigente. Além de ser a fonte privilegiada para o estudo do movimento operário e para a própria caracterização da classe trabalhadora nos primórdios do regime republicano no Brasil, a imprensa operária torna-se uma possibilidade de conhecimento das iniciativas políticas dos trabalhadores do início da República.

É nesse aspecto que se encaixa a pesquisa sobre o cotidiano de produção do jornal anarquista paulistano *A Terra Livre*. A publicação, de periodicidade quinzenal, foi lançada originalmente em São Paulo em 1905, e posteriormente mudou sua redação para o Rio de Janeiro em 1906. O periódico foi idealizado por iniciativa dos anarquistas Edgard Leuenroth e Neno Vasco, ambos jornalistas e militantes libertários ligados à classe operária. O jornal teve uma tiragem de 75 exemplares, durante toda a sua vida de publicação, entre 1905 e 1910.

A pesquisa refaz essa trajetória desde o processo de criação até a sua derrocada, muito em consequência dos problemas financeiros enfrentados pelo jornal. Esse artigo trará um panorama sobre a vida desse periódico, evidenciando, principalmente, todas essas



dificuldades enfrentadas pelos editores, o que os obrigava a tomar as mais diversas iniciativas para tentar conter o fim da publicação e do espaço dedicado à educação política dos trabalhadores.

O grupo de redatores: o coração e a mente de um jornal libertário

Todo jornal libertário era um projeto coletivo, fruto da ação entre indivíduos dispostos à educação política dos trabalhadores. Grupos com afinidades políticas semelhantes, e desejosos pela propaganda, organizavam-se com o intuito de estabelecer vínculos entre os trabalhadores dos mais diversos lugares do Brasil. O desejo era sempre pela mobilização do operário frente à sua condição de miséria.

Um grupo de afinidade e de propaganda, interessado em editar um jornal, precisava montar uma rede de contatos no intuito de viabilizar a circulação das edições a um maior número de leitores possíveis, em diversas regiões do país e, em contrapartida, aumentar o número de financiadores dos próximos números do periódico. Em suma, o jornal operário era um projeto coletivo, assim como a educação libertária. O grupo de propaganda sempre buscava este objetivo, conforme podemos evidenciar no texto da autora Edilene Toledo:

A ação mais difundida entre os anarquistas era, como dissemos, a do grupo de propaganda. De fato, a base da vida política do anarquismo no Brasil era a cooperação voluntária entre pequenos grupos distintos, espontaneamente constituídos. Não parece que esses grupos tivessem estrutura fixa. Provavelmente, os novos membros entravam por recomendação de algum antigo. (TOLEDO, 2011, p.5)

A formação desses grupos, dessas redes de contato, deu-se muito mais por necessidades sociais, e a identificação dos membros foi, na maioria das vezes, possibilitada pelo compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento estabelecidos não apenas por uma vivência anterior, mas, principalmente, por uma necessidade de ação conjunta no cotidiano operário. Estes fatos contribuíram para a formação das *fronteiras* sociais que reforçaram um mínimo de caráter identitário e na ideia de *pertencimento* entre os membros do grupo. (GODOY, 2013, p.112) Dessa forma funcionavam os grupos de afinidade e propaganda. Em torno de um objetivo comum, as tarefas eram executadas levando os seus membros a estabelecerem laços políticos e afetivos que possuíam desdobramentos diversos. No interior destes grupos eram estabelecidos acordos tácitos e estratégias comuns para a



otimização de esforços e reflexão sobre os meios a serem empregados em determinadas tarefas. (TOLEDO, 2011, p.27)

Um dos grandes movimentos que o grupo de propaganda fazia em prol da organização dos trabalhadores era a publicação de um jornal. O periódico sempre foi um dos pontos chave para que o grupo pudesse propagar suas ideias e seus métodos de combate ao patronato. E não foi diferente quando tratamos do grupo responsável pela criação do jornal *A Terra Livre*. A ideia inicial fora pela continuação de uma obra de propaganda já idealizada pelo jornal *O Amigo do Povo*.³ Bastava uma mobilização por parte dos editores, sobretudo Neno Vasco, para que o sonho da publicação de um novo jornal fosse desenvolvido novamente. Neste trecho inicial da primeira edição podemos perceber os traços de continuidade da obra de propaganda:

O periódico, que hoje apresentamos, vem defender as ideias que temos exposto no extinto *Amigo do Povo* e na *Revista Aurora*. Somos socialistas anarquistas. (...) A nossa tarefa mais urgente é a organização, no campo econômico e político, e a propaganda oral e escrita, a luta contra a ignorância. Além desses meios de acção direta, preconizamos a greve, a boicotagem, a sabotagem, a agitação da praça, o comício, a greve geral, por fim, a insurreição. Tomamos parte activa no movimento operário.⁴

Para Neno Vasco, a criação de um novo jornal significava a continuidade de sua obra, tendo em vista as inúmeras tentativas de sobrevivência feitas em prol do *Amigo do Povo*⁵ e a sua ocupação com a escrita de uma nova revista anarquista, a revista *Aurora*,⁶ publicada desde

³ O jornal *O Amigo do Povo* foi criado no ano de 1902 por iniciativa dos militantes italianos Alessandro Cerchiai e Giulio Sorelli, pelos portugueses Neno Vasco e Benjamin Mota e pelo espanhol Juan Bautista Perez. Foi o primeiro jornal anarquista, escrito parcialmente em língua portuguesa, a ter uma publicação regular. Durante seus três anos de existência (1902 a 1904), contou com 63 edições. *O Amigo do Povo* surgira em meio a um debate entre a militância anarquista sobre a participação de seus membros na organização sindicalista dos trabalhadores. A tentativa, proposta pela militância dentro do jornal era sempre a presença dos anarquistas nas sociedades de resistência (sindicato) e seu esforço para presidi-las, e, com isso, deter o avanço de outras correntes socialistas. Visavam a greve geral; mas não a greve reivindicativa, pouco funcional, e que priorizava apenas ganhos temporários para o trabalhador. A greve deveria ser uma escola de dignidade e luta, que desencadearia a greve revolucionária, libertadora, alvo maior da militância anarquista. (TOLEDO, 1993)

⁴ Generalidades. **A Terra Livre**. Ed. nº 1. Dez.1905.

⁵ O autor Alexandre Samis, em sua biografia sobre Neno Vasco, esclarece as inúmeras tentativas de coibir a extinção do jornal *O Amigo do Povo*: “As dívidas, a falta de subscrições que pudessem fazer frente às significativas despesas, não permitiram a longevidade desejada pelos entusiásticos promotores. Haviam tentado de tudo: enviar pacotes fechados para o interior do estado e para o Rio de Janeiro, com valores consignados, mas em nada resultara. A alternativa foi extinguir a publicação do jornal.”. (SAMIS, 2009. Pg. 101)

⁶ No editorial da primeira edição da revista, Neno Vasco escreve: “Esta revista, defenderá, no campo econômico e moral, o socialismo. (...) No campo político, sob o ponto de vista da organização e do método, a revista defenderá a anarquia. É quanto basta. Fazer promessas e longos programas é inútil. O tempo dirá o valor desta pequena revista.”. **Revista Aurora**. Ed. nº1. Fev.1905.



fevereiro de 1905. Para um escritor, um propagandista, o aumento do espectro de divulgação de sua obra converte-se num desafio de grande valor teórico, sobretudo para o militante anarquista.⁷

Como dito anteriormente, o grupo de propaganda formado inicialmente para gerenciar um novo jornal, *A Terra Livre*, já era conhecido no meio anarquista. Tinham trabalhado arduamente na publicação de um outro jornal, *O Amigo do Povo*. O grupo de afinidade e propaganda até era conhecido por esse nome, segundo a autora Edilene Toledo. (TOLEDO, 1993)

Após o término da publicação, já em 1905, um dos membros remanescentes do grupo, o anarquista Neno Vasco, se juntou a outro libertário brasileiro, Edgard Leuenroth, para fundar um novo jornal, agora com uma tendência maior pelo sindicalismo e pela ação direta,⁸ como instrumento de luta pelos direitos dos trabalhadores. Para esse novo intento convidaram outros colegas de luta, os também anarquistas Manuel Moscoso,⁹ na ocasião residindo no Rio de Janeiro, e Antônio Orellana¹⁰, residente na capital paulista. Este foi considerado o primeiro grupo de propaganda que iniciara a publicação da *Terra Livre*, mas não foram os únicos a ajudarem na confecção do jornal. Havia grupos distintos que, em determinados momentos, auxiliavam na produção de matérias para o jornal, na organização de listas de subscrição, na organização da biblioteca com textos libertários, na tradução de textos anarquistas que eram trazidos, sobretudo, da França e da Itália, na cobrança de assinaturas e na venda de jornais avulsos. Havia, de fato, uma rede coesa de trabalhadores organizados para a publicação do jornal. E é dessa rede devidamente organizada que vamos tratar a partir de agora.

As fontes consultadas para o levantamento de todos os nomes foram os jornais *A Terra Livre*, nossa fonte principal; os jornais *O Amigo do Povo*, de São Paulo e o *Novo Rumo*, do

⁷ A autora Cláudia Leal afirma que os militantes “*tencionavam incentivar a leitura não apenas nos que desconheciam as ideias libertárias, nos 'estranhos à anarquia', mas também nos militantes e companheiros da ideia, que poderiam utilizar os textos e artigos para reforçar suas convicções ou mesmo como sugestões de abordagens de propaganda.*” (LEAL, 1999. Pg. 19).

⁸ A autora Antoniette Oliveira nos discorre sobre o princípio da Ação Direta: “*No geral, os militantes de orientação anarquista acreditavam que bastava a conscientização política, via educação, para que, através do princípio da Ação Direta, chegassem à sublevação e, conseqüentemente, ao desmoronamento do capitalismo. Para os anarquistas sindicalistas, o princípio da Ação Direta perpassava não só pela educação, mas também pela organização do proletariado nos diversos tipos de associações operárias, meio de conscientizá-los dos seus direitos e força.*” (OLIVEIRA, 2001. p. 14).

⁹ Alexandre Samis define Moscoso como: “*gráfico malaguenho, antigo colaborador de O Amigo do Povo e muito próximo ideologicamente de Neno Vasco*”. (SAMIS, 2009, p. 102).

¹⁰ Segundo entrevista dada a Alexandre Samis por Magda Botelho, sobrinha de Neno Vasco, havia um relato sobre o casamento das irmãs de Manuel Moscoso, Mercedes e Carmem, que contraíram matrimônio com Neno Vasco e Antônio Orellana, respectivamente. (SAMIS, 2009, p. 105).



Rio de Janeiro; as biografias de Neno Vasco (SAMIS, 2009), Oreste Ristori (ROMANI, 1998) e Edgard Leuenroth (KHOURY, 1988); além das memórias de Edgar Rodrigues (RODRIGUES, 1969); (RODRIGUES, 1994-97), transformadas em livro. A tentativa foi, sempre, mapear todos os trabalhadores presentes nas páginas dos jornais, buscando seus antecedentes, locais de trabalho e atuações libertárias. Porém, a maioria simplesmente desaparece após análise dos jornais. Sendo assim, muitos terão apenas seus nomes citados; àqueles onde o mapeamento é possível, serão mostrados devidamente ao longo do texto.

Os grupos de editores do jornal: o coração e a mente

O editor mais assíduo de praticamente todas as matérias no início da publicação de *A Terra Livre*, foi sempre o libertário Neno Vasco. Pela descrição de sua biografia, o anarquista se prontificava a escrever as matérias, traduzir os textos que chegavam de outros países e reescrevê-los colocando suas opiniões e impressões daqueles textos.

Mas já nas primeiras edições, algumas colunas são assinadas por outros anarquistas que serão os formadores do corpo editorial do jornal, ajudando Neno Vasco na confecção das matérias presentes no periódico. Na primeira edição, assinando a coluna “*Do Brasil proletário*” temos o anarquista e companheiro de Neno Vasco, Luigi Magrassi¹¹. Na coluna ele relata os acontecimentos envolvendo os trabalhadores no Rio de Janeiro, local onde residia, e já ressalta uma discussão entre anarquistas da cidade e o socialista italiano Antônio Piccarolo, diretor do jornal socialista *Avanti!*, na ocasião de uma conferência que o italiano fora ministrar na capital carioca:

Esteve uns dias aqui o prof. Piccarolo, então director do *Avanti!* dessa cidade (São Paulo). Na primeira de suas duas conferências (...) alguns companheiros nossos tomaram a palavra sobre certos pontos expostos. Tanto bastou para que ele para ahi mandasse dizer que eram todos inconscientes! (...) Não observou ao Rio mais nada digno de sua crítica?¹²

¹¹ Luigi Magrassi, nascido em Modena (Itália) em 1874, era um tipógrafo que tinha uma experiência consolidada na redação de jornais anarquistas, tendo participado da elaboração do periódico *L'Avvenire* em Buenos Aires, antes de ser expulso da Argentina em 1903, passando um tempo em Montevideo e depois migrando-se para São Paulo. Em 1904, decidiu morar no Rio de Janeiro, onde foi recebido por alguns amigos militantes e ali ficou até voltar para Buenos Aires em 1913, mantendo forte conexão com os grupos anarquistas de São Paulo. Agradeço ao professor Luigi Biondi pelas informações biográficas a respeito de Luigi Magrassi.

¹² MAGRASSI, Luigi. *A Terra Livre*. Ed. nº1. Dez.1905.



Além de Magrassi, há a participação ativa do espanhol Antônio Escaño, operário da tecelagem, morador da cidade de Sorocaba, que ativamente contribuiu para as páginas da *Terra Livre*, relatando os acontecimentos sofridos pela comunidade operária presente em Sorocaba.¹³ Antônio Escaño também organizou muitas listas de subscrição, financiando parte das edições do jornal. Um dos trechos das denúncias pode ser verificado abaixo, onde Escaño denuncia os desmandos sofridos pelos operários tecelões em Sorocaba:

Com a grande abundância de operários estão as fábricas impossíveis, pelos abusos patronaes. Nas fábricas de Sorocaba o día de trabalho é de 14 a 15 horas e, em quasi todas, o máximo do salário com quatro teares, é de 70 a 80 mil mensais! A maior parte deste dinheiro, às vezes todo, fica nas fábricas, porque quasi todas têm venda própria, do qual operários, por falta de recursos, se acham obrigados a fornecer-se, embora os gêneros sejam mais caros e de peor qualidade. (...) Seria bem necessária uma campanha contra tanta infâmia.¹⁴

Outro companheiro anarquista, morador da cidade de Campinas, participou como um dos redatores no primeiro ano de publicação. Trata-se de Francisco Rios, membro assíduo do corpo de editores e organizador de listas de subscrição em sua cidade. Em uma de suas colunas, chamada “Inimigos de si...e de todos” ele trata dos trabalhadores que traem sua classe em nome de benefícios superficiais oferecidos pelos patrões. Nesta coluna o autor escreve:

Parece incrível, mas há trabalhadores que causam compaixão e ira ao mesmo tempo, vacilando tanto e reagindo mesmo para entrar na luta contra a actual organização social, para conquistar os seus direitos tão sem razão arrebatados pelos açambarcadores do Capital, da sciencia e de tudo que produzimos. (...) Apesar de estes lhe roubarem o fruto do seu trabalho, o bem estar e a hombridade, inda vai como um cão, lambe as mãos que o fustigam e delatar aquelles que lutam pela liberdade própria e dos outros, para que todos tenham o que comer.¹⁵

¹³ *Tenho-me ocupado, na “Terra Livre”, da situação triste dos operários tecelões de Sorocaba; hoje apenas falarei das crianças, submetidas por atroz contradição, precisamente aos trabalhos mais brutais e antihigiênicos! Nestes antros onde nunca entrou a higiene preparam-se activamente candidatos á tuberculose. Que horrível sociedade esta, em que a produção, guiada pelos interesses particulares antagônicos, pela avidéz do lucro que nada comove, tritura e arruína tantas vidas em botão! Facto natural na organização capitalista: a criança é mais barata, e é o burguez que regula a produção em proveito próprio. Há aqui fábricas que ocupam grande número de crianças de 7 a 8 anos, começando o trabalho ás 6 da manhã e acabando ás 8 e ½ da noite pelo menos; em algumas acaba ás 10. (...) Assim, uma criança ganha 300 a 500 réis! Trabalha 14 a 15 horas!* Cf. ESCAÑO, Antônio. Do Brasil proletário. **A Terra Livre**. Ed. Nº 7. Abr.1906.

¹⁴ ESCAÑO, Antônio. **A Terra Livre**. Ed. nº 1. Dez. 1905.

¹⁵ RIOS, Francisco. **A Terra Livre**. Ed. nº3. Fev.1906.



Outros anarquistas ainda participariam como editores neste primeiro ano de publicação, em 1906. Nomes como Eduardo Vassimon, tipógrafo, um dos diretores da União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo e delegado da UTG no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1906, conforme relatos presentes no livro de Edilene Toledo. (TOLEDO, 2004) Vassimon também participou de várias organizações e comícios na cidade de São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do movimento anarquista na capital paulista. Para o jornal *A Terra Livre*, sob o pseudônimo “E.V.” ele escreve um artigo intitulado “Velha História” clamando os operários a uma nova mobilização que assolava o mundo trabalhador naquele momento:

*Sic transit*¹⁶. A velha história, com tudo que é ruim, pernicioso e inútil, há de passar, e não está longe o seu fim. Activando-se uma propaganda frutífera e agremiando elementos bons, apresentando os meios de combate mais prontos e enérgicos, não tardará que uma revolução universal aniquile essas velharias e iguale os homens, semelhante ao tufão que derriba as árvores carcomidas e as que se ostentam por demais orgulhosas a altaneiras. E a *velha história*, como o papão das crianças, desaparecerá para sempre.¹⁷

Outro delegado presente no Primeiro Congresso Operário, representando a Federação Operária de São Paulo, e também escritor assíduo do jornal *A Terra Livre*, e, posteriormente, do periódico o *Novo Rumo*¹⁸, fora o anarquista espanhol e tipógrafo Ulysses Martins¹⁹. Este seria um dos grandes colaboradores do jornal durante toda sua vida, tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro (RODRIGUES, 1969, p. 111). Como era membro dos conselhos de diversas instituições dos trabalhadores durante a primeira década do século XX, gozava de grande prestígio entre os operários, sobretudo àqueles de orientação anarquista. Em um artigo, intitulado “Actividade anarquista”, Ulysses Martins expõe os ataques por ele sofridos, movidos pelo socialista moderado Antônio Pinto Machado²⁰, que, em diversas edições da

¹⁶ Assim tudo passa. Tradução livre do latim.

¹⁷ VASSIMON, Eduardo. *A Terra Livre*. Ed. nº 4. Fev.1907.

¹⁸ Para a autora Antoniette Oliveira, Ulysses Martins, em parceria com José Romero, administrariam o jornal *Novo Rumo* a partir de 1910, com o término da publicação da *Terra Livre*. (OLIVEIRA, 2001).

¹⁹ Segundo Cláudio Batalha, além de tipógrafo, Ulysses Martins era professor de artes cênicas, ator e fundador do grupo dramático que operava no Centro Galego, em 1903. Atuou em São Paulo, antes de transferir-se para a então capital federal. Participou como redator dos jornais *Brazil Operário*, *A Greve*, *Novo Rumo*, para então escrever às páginas da *A Terra Livre*. Participou como um dos delegados representantes da Federação Operária de São Paulo no Primeiro Congresso Operário, em 1906. (BATALHA, 2009, p. 100).

²⁰ Segundo o autor Alexandre Samis, Antônio Augusto Pinto Machado, era um socialista moderado, na época presidente da União dos Operários do Engenho de Dentro, organização trabalhadora muito ativa entre os operários do Rio de Janeiro. O socialista não era bem visto pelos anarquistas que o acusavam de “pragmático” e



Terra Livre, é citado como “pseudo-socialista”²¹, “iconoclasta”²², “presidente pago duma associação operária”²³. Ulysses escreve:

Está sendo muito censurada a actividade dos anarquistas no Rio de Janeiro. É por causa dessa actividade que Pinto Machado continua no seu jornal a referir-se à minha pessoa. Como, porém, não vivo do que dizem de mim, mas do producto do meu trabalho, deixo de responder à parte em que Pinto Machado se refere à minha pobre educação (...) Venha Pinto Machado discutir questões e não injuriar companheiros que nenhum mal lhe fizeram e cujo o único crime consiste em enfrentar os burgueses, em qualquer parte que se achem, com altivez, brio e independência.²⁴

Na edição número 16, em 1906, uma nova coluna é apresentada no jornal sob o título “Crônicas do Rio”. Devido ao sucesso atingido pela coluna, esta permaneceria durante muito tempo sendo publicada no periódico. Um dos editores mais assíduos desta coluna fora o carioca Frederico Bessa. Não há muitas informações sobre o libertário, talvez esse seria algum pseudônimo. Sabe-se, evidentemente, que era anarquista e membro do grupo de propaganda criador do jornal *Novo Rumo* no Rio de Janeiro. Para relatar os acontecimentos da cidade carioca e desenvolver uma crítica ao cotidiano dos trabalhadores desta cidade, o colunista envia diversas cartas que vão se transformar nesta coluna. Em seu primeiro escrito, Frederico Bessa nos fala da situação do jornal *Novo Rumo*:

Sucessor da *Greve*, periódico anarquista que há um anno cessou de publicar-se, apareceu o *Novo Rumo* que apesar dos obstáculos com que tem lutado, tem feito um bom trabalho de propaganda. Não tem sido só a falta de recursos monetários que tem impedido a saída periódica do jornal. A falta de trabalhos intellectuaes, o reduzido espaço de tempo que têm um ou dois camaradas interessados pelo periódico, trouxeram prejuízos bem grandes para o bom andamento da propaganda.²⁵

de “impedir a verdadeira emancipação dos trabalhadores”, conforme publicado em uma edição da *Terra Livre*. (SAMIS, 2009, p. 112). Para Cláudio Batalha, Antônio Pinto Machado foi operário tecelão, gráfico, repórter, jornalista, Capitão da Guarda Nacional e suplente de delegado de Polícia. Sua participação no movimento operário carioca foi ativa na reorganização da União Operária do Engenho de Dentro, a qual presidiu de julho de 1903 a início de 1909. Participou da comissão organizadora do 1º COB, em abril de 1906, no qual representou o Centro Artístico Cearense, defendendo a proposta derrotada de criação de um partido político operário. (BATALHA, 2009, p. 131).

²¹ *A Terra Livre*. Ed. nº 1. Dez.1906.

²² *A Terra Livre*. Ed. nº 2. Jan.1906.

²³ *A Terra Livre*. Ed. nº 3. Fev.1906.

²⁴ MARTINS, Ulysses. *A Terra Livre*. Ed. nº 4.Fev.1906.

²⁵ BESSA, Frederico. *A Terra Livre*. Ed. nº 16. Set.1906.



Fechando as participações de editores que marcariam a presença no periódico neste primeiro ano de publicação, temos ainda mais um anarquista advindo do Rio de Janeiro, membro fundador do grupo de propaganda *Novo Rumo* e um dos participantes do Congresso Operário como delegado. Seu nome era Manuel Domingues de Almeida²⁶, outro frequente colaborador do jornal, com matérias, depoimentos e listas de subscrição. Em uma coluna, intitulada “*Os parasitas*”, ele denuncia os inúmeros trabalhadores, membros das organizações trabalhistas do Rio de Janeiro, que se intitulavam socialistas, como Pinto Machado, já citado anteriormente, e que recebiam altas quantias pelos seus cargos exercidos nestas organizações proletárias, que, em teoria, deveriam ser cumpridos sem exigência de ordenados por parte do trabalhador.

Manuel Domingues os chama de parasitas e escreve: “quem chamou de exploradores aos anarquistas, foi o Pinto Machado, que recebe da União do E. de Dentro ‘duzentos mil réis de ordenado’ e gratificações para excursões de propaganda (de propaganda?!) pelo interior do Brasil”.²⁷

Manuel se diz indignado com estes parasitas socialistas e promete buscar maiores informações com o intuito de “desmascarar estes e outros indivíduos que por aqui se tornam nocivos à propaganda de nossos ideais.”²⁸

Outros companheiros anarquistas, membros do grupo de propaganda “*A Terra Livre*” também participavam na confecção de artigos para o jornal. Libertários como Salvador Alacid, Guilio Sorelli, Orestes Ristori e Manuel Fernandes Casal, chegaram a escrever alguns artigos, antes da redação do jornal sofrer a mudança para o Rio de Janeiro.

Giulio Sorelli, que segundo a autora Edilene Toledo²⁹, eventualmente atendia pelo pseudônimo “lucifero” chegou a escrever uma série de artigos ao periódico usando este pseudônimo. Nos artigos intitulados “*O Baile*”³⁰, o autor usa, inicialmente de ironia, depois

²⁶ Manuel Domingos Almeida era marmorista. Eleito em 1906, como 2º vice-presidente do Centro dos Operários Marmoristas, na diretoria que, em março de 1906, solicitou o registro no 1º Ofício de Títulos e Documentos e teve seus estatutos publicados no *Diário Oficial* nos termos do Decreto 173, de 10 de setembro de 1893. (BATALHA, 2009, p. 23).

²⁷ ALMEIDA. Manuel Domingues. **A Terra Livre**. Ed. nº 20. Nov.1906.

²⁸ ALMEIDA. **A Terra Livre**. Ed. nº20.

²⁹ Para a autora, que realiza uma pequena biografia da trajetória do libertário dentro do movimento operário paulista, Sorelli já era, em 1902, um dos anarquistas mais conhecidos da cidade de São Paulo, segundo a polícia da cidade. Era membro fundador do grupo de propaganda que geriu o jornal *O Amigo do Povo*. Em 1906, passou a ser secretário da recém criada Federação Operária de São Paulo, onde fez grande propaganda em favor do sindicalismo revolucionário, bandeira que empunhou arduamente até idos de 1917, quando deixou a militância. (TOLEDO, 2004, Cap. 3).

³⁰ LUCIFERO. **A Terra Livre**. Ed nº 26 e 27.



de duras críticas ao desperdício de tempo e energia que jovens operários gastavam participando de incessantes bailes promovidos pelos Círculos Sociais em toda cidade de São Paulo. Sorelli pensava que se a energia gasta nos bailes pelo jovem operário, fosse dispensada na propaganda pela sua “emancipação econômica e moral”, seria melhor aproveitada. O operário, segundo ele, “deveria sentir o dever, o direito de conquistar o que lhe pertence, e não perder o seu tempo e energias num inútil centro recreativo”.

Na ocasião da mudança da redação para o Rio de Janeiro, já no segundo ano de publicação do periódico, outros personagens passam a protagonizar, junto de Neno Vasco e Manuel Moscoso, a escrita de alguns artigos de propaganda e cotidiano para o jornal. Os nomes já citados de Frederico Bessa, com sua coluna “Crônicas do Rio” e Salvador Alacid, vão ter suas participações recorrentes durante todo o ano de 1907. Outros nomes como César Mendes, Matilde Magrassi, Lucas Mascolo em São Paulo e Antônio Escaño em Sorocaba. O jornal também recebia artigos advindos de outros países e ajudavam os editores a relatar os acontecimentos que afetavam os trabalhadores e militantes pelo mundo. A título de exemplo temos os artigos do português Mayer Garção³¹ sobre os acontecimentos em Portugal e o militante de pseudônimo Gallos, sobre acontecimentos relatados na cidade de Macau, de propriedade de Portugal, localizada na China.

César Mendes era o pseudônimo usado pelo anarquista Mota Assunção ao escrever seus artigos, conforme constatação da autora Ângela Maria Roberti Martins.³² Dada a mudança da redação, a participação de Mota Assunção, tornou-se mais ativa. Era um dos membros do grupo de propaganda que fundara o *Novo Rumo*, e achava-se de acordo em

³¹ Para o autor Alexandre Samis, o anarquista português Mayer Garção foi de grande importância para a formação militante de Neno Vasco. Garção era um dos editores do jornal *O Mundo*, em 1901 e a *Lanterna* em 1903, em Portugal. Militou nas trincheiras anarquistas, até deixar a militância por decisão intelectual. Sua desistência foi lamentada por Neno em sua revista *A Sementeira*, em 1911, quando este já havia voltado a Portugal. Mayer Garção havia contribuído ao jornal *A Terra Livre* com impressões sobre o atentado de Madrid, contra o rei espanhol Alfonso XIII e sobre os acontecimentos do atentado ocorrido em Lisboa, com a morte do rei de Portugal, Dom Carlos I e seu filho e herdeiro, o príncipe Dom Luis Filipe. O atentado foi provocado por militantes republicanos, mas a polícia portuguesa mandou prender dezenas de anarquistas portugueses, sob a acusação de planejamento do regicídio. (SAMIS, 2009, p. 127-128).

³² A autora nos faz um breve histórico sobre a importância de Mota Assunção para o movimento anarquista brasileiro: “*Mota Assunção, imigrante português, chega ao Brasil, na companhia do pai e dois irmãos em 1887, período de crescimento da emigração lusa no país. (...) Foi no Brasil que o anarquista tornou-se homem, trabalhador gráfico e militante. Desde jovem envolveu-se com os movimentos operário e anarquista (...) onde colaborou intensamente em quase todos os periódicos editados no eixo geográfico Rio de Janeiro-São Paulo nas décadas finais do século XIX e anos iniciais do século XX. (...) Assinava seus trabalhos não apenas com o seu próprio nome, mas com os pseudônimos de Souvarine, Carrard Auban e Cesar Mendes. Em 1907, torna-se diretor e editor do Grupo Dramático Teatro Social, onde escreveu peças como O Infanticídio, A desforra dos vencidos e o Exemplo.*” (MARTINS, 2013. p. 391-405).



manter a obra de propaganda escrevendo sobre diversos temas ao *Terra Livre*. Entre os temas mais recorrentes abordados por Mota Assunção foram as movimentações políticas realizadas na capital federal. Em um artigo, publicado na edição 36, em junho de 1907, ele fala da nova lei de expulsão dos imigrantes:

O lema que os politiqueros e legalitários de todos os matizes procuram, de desviar o proletário brasileiro do verdadeiro caminho da sua emancipação, já começa a produzir seus resultados práticos. (...) E fez-se uma lei de expulsão. E mandou-se gente da polícia lançar a discórdia nas associações operárias. De que valeu, porém, tudo isso e mais todas as promessas do governo e todos os discursos da câmara em favor dos operários? Resigna-te e espera, trabalhador; confia nos poderes públicos, que são como Deus: sabem melhor o que tu precisas do que tu próprio.³³

Outro editor desta nova fase do jornal foi Salvador Alacid, italiano, tipógrafo e anarquista, fundador do jornal *Novo Rumo*, conforme relato de Edgar Rodrigues em seu livro.³⁴ Alacid, há muito já se dedicava à propaganda anarquista e havia participado com artigos no *A Terra Livre*, antes mesmo deste ter mudado sua redação para o Rio de Janeiro. Com a mudança, Alacid passou a ter um protagonismo maior na publicação, sendo um dos grandes propagandistas do ideal anarquista na cidade carioca. Neste artigo, publicado em junho de 1907, Alacid faz uma crítica aos trabalhos do *Grupo Dramático Teatro Social*, organização teatral idealizada por anarquistas em 1904 - entre eles o próprio Alacid - com o objetivo de desenvolver peças de teatro de cunho libertário para a educação dos trabalhadores do Rio de Janeiro. A maioria das peças eram apresentadas no palco do Centro Galego, localizado à rua da Constituição, atrás do quartel do Corpo de Bombeiros, no centro do Rio de Janeiro daquela época. (SAMIS, 2009, p.113) Sobre a peça encenada, nos fala Salvador Alacid:

O drama “Antônio”, do camarada Guedes Coutinho e encenada pelo Grupo Dramático Teatro Social, salvo alguns senões na forma, está regularmente escrito, e algumas cenas estão bem compostas, mas falta dinâmica na sua composição. (...) O drama, apesar dos senões, revela aptidões para o teatro. Se quer ouvir um conselho de amigo e um camarada escute: não escreva para o público, não se importe com a maneira que o povo interpreta o teatro e a

³³ MENDES, Cesar. *A Terra Livre*. Ed nº 36. Jun.1907.

³⁴ “Italiano, operário, anarquista! Salvador Alacid já militava no Rio de Janeiro no dobrar do século 19. Em 1905 ajudou a fundar o jornal “Novo Rumo”, com José Romero, Alfredo Vasquez, José Rodrigues, Carlos Lebacle, Antonio Moutinho, João Benevenuto, Luigi Magrassi, Joel e Maria de Oliveira. Depois tomou parte na fundação de “A Guerra Social” em 1911, formando a sua equipe de redatores. Muito ativo, Salvador escrevia bem e falava com clareza em defesa de suas idéias”. (RODRIGUES, 1994-1997).



arte. Elle é victima das tendências rotineiras e negativas. É preciso, pois, educa-lo. O teatro dos nossos dias é uma escola de vida e educar e instruir, eis o seu programa.³⁵

Em todo o tempo de publicação dos jornais, é muito difícil perceber o papel das mulheres na participação do movimento anarquista, sobretudo se tomarmos a aparição das mulheres nas páginas do jornal *A Terra Livre*. Segundo a autora Samanta Mendes, em seu artigo “O feminino no Anarquismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889-1930)” [MENDES, 2008], as pressões sofridas pelas mulheres anarquistas em sua luta pela emancipação, onde eram “suprimidas de seus pontos teóricos e questões levantadas por elas, em um movimento muitas vezes machista e sexista” (MENDES, 2008, p.2), as faziam desaparecer das páginas dos jornais libertários.

Em adição ao relato há, ainda, a questão da jornada dupla enfrentada pelas mulheres que necessitavam trabalhar para complementar a renda familiar, além de seguir os padrões da sociedade que exigiam delas um comportamento submisso sob a alegação do padrão de mulher “esposa-mãe-dona de casa”, assexuada e com exclusiva dedicação aos filhos, ao marido e ao lar.

Ainda no primeiro ano de publicação de *A Terra Livre*, houve uma mobilização por parte de algumas trabalhadoras, costureiras, em prol de sua classe e relatados nas edições nº 13 e 14 do jornal. O artigo, um manifesto às jovens costureiras de São Paulo, assinado pelas costureiras Tecla Fabri, Teresa Cari e Maria Lopes, pedia às costureiras uma postura mais enérgica de luta contra as difíceis condições de trabalho apresentadas. No manifesto elas pedem: “meditai, reflecti bem, companheiras, pensai que, se vós mesmas não tratais de melhorar vossa sorte, ninguém se importará de vós!”³⁶ Esse manifesto foi muito comemorado pelos redatores de diversos jornais libertários em São Paulo, mas a resposta ao protesto foi desanimadora. Na edição 19, a redação do jornal *A Terra Livre* lamenta a ida das costureiras ao gabinete do então prefeito de São Paulo, pedindo mudanças na carga horária de funcionamento das oficinas de costura espalhadas pela cidade, que tinham cargas horárias de 11 a 15 horas diárias. Para o jornal, era de se esperar que a lista de pedidos não fosse prontamente atendida, já que o prefeito atendia aos requisitos dos proprietários das oficinas de costura. Assim escrevia o jornal:

³⁵ ALACID, Salvador. *A Terra Livre*. Ed. nº 35. Jun.1907.

³⁶ PAOLA, Francisco. Às jovens costureiras de São Paulo. *A Terra Livre*. Ed. nº 14. Ago.1906.



Tiveram a coragem de pedir o que de direito lhes pertence a um indivíduo que, ainda não há muito, causou o assassinato e o encarceramento de alguns nossos irmãos de trabalho! E para que? Com sua petição, as costureiras mostraram grande falta de senso prático e de vontade própria: em vez de se servirem das suas próprias forças, recorrer logo à autoridade, e ainda por cima ao prefeito! (...) O que é nosso, não o devemos mendigar, mas toma-lo como pudermos. Se não podemos hoje, tentaremos amanhã ou depois, agindo sempre. É, afinal, o único caminho.³⁷

Após este fato, poucas mulheres apareceriam nas páginas da *Terra Livre*, salvo exceção de alguns artigos traduzidos da anarquista Emma Goldman, e da redatora e ativista Matilde Magrassi, esposa do já citado anarquista Luigi Magrassi. Matilde, italiana e operária, era conhecida pelo seu ativismo na cidade carioca, vinha colaborando com os jornais libertários desde o ano de 1904 e foi fundadora do Novo Rumo e pregava nas folhas destes periódicos um novo modelo de ética para as mulheres. (SAMIS, 2009, p.141) Em um artigo publicado na edição número 37 da *Terra Livre*, Matilde Magrassi faz duras críticas aos “crumiros”, trabalhadores que “furam” a solidariedade dos trabalhadores em tempo de greve, em apoio aos patrões, ou por medo de perderem os empregos. No artigo ela compara os crumiros a “répteis, os mais imundos e asquerosos”. Ela escreve:

E só por ser egoísta e miserável, (o crumiro) favorece o patrão e atraiçoa seus companheiros porque sabe que continuando a trabalhar não será despedido, procurando sempre obter para si tão somente benefícios que ele acha mais positivos que os que possam resultar da greve que elle aproveitará sem pejo porque há entre os operários quem os permite. Benefícios que custaram sacrifícios enormes a seus companheiros. Infames!³⁸

Como pode-se perceber muitos redatores contribuíram para a construção do jornal. Outros editores passaram pelo periódico durante os quatro anos de sobrevivência do mesmo. Muitos escreveram apenas um artigo, outros tiveram uma produção vigorosa e contribuíram de maneira decisiva para que as edições do jornal tivessem a penetração desejada entre os trabalhadores, transformando o periódico num intenso trabalho de propaganda anarquista.

Nomes que são importantes nesta trajetória como Lucas Mascolo, italiano, residente na cidade de São Paulo e chegou a dirigir o jornal em suas últimas edições. Dono de uma escrita mais incisiva, convocava os trabalhadores a enviarem críticas, testemunhos de

³⁷ RAFAEL. Às costureiras de São Paulo. *A Terra Livre*. Ed. nº 16. Set.1906.

³⁸ MAGRASSI, Matilde. Os crumiros. *A Terra Livre*. Ed. nº 37. Jul.1907.



exploração e chamava os opositores a uma boa rodada de polêmicas.³⁹ Outros nomes apareceriam nas páginas, como os dos gaúchos Cecílio Dinorá e Stephan Mickalski, militantes da cidade de Porto Alegre e colaborariam para a criação do jornal *A Luta*, localizado na rua dos Andradas nº64.⁴⁰

Eram trabalhadores, mas também poderiam ser considerados jornalistas⁴¹. Expunham uma realidade trágica dos trabalhadores e teciam seus comentários buscando sempre a verdade dos fatos expostos. Eram considerados o cérebro do jornal, colaboradores responsáveis pela organização da obra de propaganda. Eles construíam o próprio movimento operário ou o próprio sindicato da categoria a partir de críticas internas que inflamavam as páginas da imprensa e que incitavam os militantes à participação da questão colocada em pauta. A organização operária, o sindicato, o movimento, o próprio jornal, eram construídos a partir também desse movimento de acolhimento à crítica interna e não apenas no que diz respeito a difusão de uma pauta “uníssona” de reivindicações, ou de um discurso bem assentado ideologicamente para o público externo, ou para os leitores em geral.

Fontes consultadas (Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP):

Fonte principal:

A Terra Livre – RJ e SP, 1905-1908, 1910.

1905 – edição número 1;

1906 – edições número 2 a 23;

1907 – edições número 24 a 53;

1908 – edições número 54 a 64;

1910 – edições número 65 a 75;

Fontes complementares:

³⁹ A participação dos leitores era uma constante na construção e no fortalecimento da imprensa operária e sindical brasileira. Muitos daqueles que se tornariam editores ou redatores dos periódicos eram, antes de tudo, leitores que se aproximavam do jornal pela publicação assídua de denúncias. **A Terra Livre**. Ed. nº75. Nov.1910.

⁴⁰ CORREIO. **A Terra Livre**. Ed. nº 59. Abr.1908.

⁴¹ A autora Maria Nazareth Ferreira fala da importância dos trabalhadores, sobretudo tipógrafos, para a formação do jornalismo operário: "*O operário gráfico era privilegiado, pois, além de saber ler e escrever, era relativamente bem remunerado, sendo considerado como uma elite entre os trabalhadores, cujo trabalho era o mais intelectual dos ofícios manuais. Tanto foi importante nos albos do desenvolvimento da imprensa - ele desenvolve juntamente com ela - como foi imprescindível elemento de comunicação na popularização das ideias políticas, que vinham no bojo da questão social.*" (FERREIRA, 1988, pg. 24)



O Boi – SP, 1897;
A Folha do Bráz – SP, 1900;
La Battaglia – SP, 1905-1908; 1910.
A Voz do Trabalhador – RJ, 1908;
O Amigo do Povo – SP, 1902-1903;
Novo Rumo – RJ, 1905; 1910;

Referências Bibliográficas

- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes(org.). **Dicionário do movimento operário**: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.
- BIONDI, Luigi. **Classe e nação**: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920). Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ed. Atica, 1988.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.
- GODOY, Clayton Perón Franco. **Ação direta**: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908). Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia - Universidade de São Paulo, 2013.
- HALL, Michael M; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A classe operária no Brasil. 1889-1930: documentos**. Vol. 1. O Movimento Operário. Col. Política. São Paulo: Ed. Alfa Omega. 1979.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** Vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- KHOURY, Yara Maria A. **Edgar Leuenroth: uma voz libertária**: Imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 1988.
- LEAL. Cláudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa**: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1999.



- MAGNANI, Silvia Lang. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1982.
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- MARTINS, Angela Maria Roberti. A experiência libertária de um português na Primeira República: uma análise da trajetória política e intelectual de Mota Assunção. In: **IX Seminário Internacional sobre emigração portuguesa para o Brasil**. Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.
- MENDES, Samanta Colhado. O feminino no Anarquismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889-1930). In: **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH-USP, 2008.
- OLIVEIRA, Antoniette. **Despontar, (des)fazer-se, (re)viver...** a (des)continuidade das organizações anarquistas na Primeira República. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, 2001.
- PEIXOTO, Maitê. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal A Plebe. **Revista Latino-Americana de História**. Vol.2, nº7. Setembro de 2013.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2000.
- PRADO, Antônio Arnoni (org.). **Libertários no Brasil: memórias, luta e cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil (1875-1913)**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969.
- _____. **Os companheiros**. 5 vol. Rio de Janeiro/Florianópolis: Ed. VJR-Insular. 1994-1997.
- ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: uma aventura anarquista**. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX**. Tese de doutorado - Universidade Federal Fluminense, 2009.
- TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.



_____. **Em torno do jornal O Amigo do Povo:** os grupos de afinidade e propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1993.